



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA DA CONCEIÇÃO DA ROCHA CAVALCANTE

DOCÊNCIA E MENOPAUSA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

João Pessoa-PB

2020

MARIA DA CONCEIÇÃO DA ROCHA CAVALCANTE

DOCÊNCIA E MENOPAUSA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Educação, da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito parcial de obtenção de título de
Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof.^o Dr.^o Eduardo Jorge
Lopes da Silva

João Pessoa-PB

2020

C376d Cavalcante, Maria da Conceição da Rocha.

Docência e Menopausa na Educação de Jovens e Adultos /
Maria da Conceição da Rocha Cavalcante. - João Pessoa,
2020.

56 f.

Orientação: Prof^a Dr^a Eduardo Jorge Lopes da Silva.
Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. Menopausa. Docência. Educação de Jovens e Adultos.
I. Silva, Prof^a Dr^a Eduardo Jorge Lopes da. II. Título.

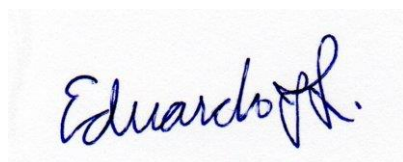
UFPB/BC

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA DA CONCEIÇÃO DA ROCHA CAVALCANTE

DOCÊNCIA E MENOPAUSA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 27/03/2020 perante a seguinte Comissão Julgadora:



Eduardo Jorge Lopes da Silva
Professor orientador
Departamento de Fundamentação da Educação do CE/UFPB

Profa. Dra. Quézia Vila Flor Furtado
Membro examinador 1
Departamento de Metodologia da Educação do CE/UFPB

Profa. Dra. Maria da Conceição Gomes de Miranda
Membro examinador 2
Departamento de Fundamentação da Educação do CE/UFPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Criador de Tudo Que É, por me proporcionar passar pela fase do climatério e entrar na menopausa precoce no período de escrita do meu trabalho de conclusão do curso de Pedagogia. Foi por meio dessa experiência que eu pude perceber a importância de estudar o tema e dialogar com as professoras sobre ele, delimitando o foco dessa pesquisa;

Agradeço à minha família, que sempre confiou na minha capacidade me incentivando e estando sempre presente nas horas mais difíceis. Em especial à minha mãe, Benedita da Rocha Cavalcante, e às minhas irmãs: Luzilena, Joelma e Rita de Cássia, mulheres lindas e guerreiras que me inspiram a lutar por dias melhores para todas as mulheres;

Agradeço à minha irmã Rita de Cássia, minha eterna coorientadora e meu espelho em profissional da educação, com quem dialogo e discuto sobre os temas de estudo da educação desde que fiz o pedagógico, anos atrás. Foi ela a primeira pessoa com quem discuti sobre a importância do tema deste projeto de pesquisa quando fiz seu esboço.

Agradeço à Mônica Melo, amiga de todas as horas, pelo incentivo e torcida.

Agradeço ao meu orientador Eduardo Jorge Lopes, por ter aceitado a orientação do tema e pela dedicação em conversar e me receber, direcionando a pesquisa de forma clara e tranquila;

Agradeço aos colegas de turma, em especial à Patrícia Hermânia, amiga desde o primeiro dia de aula, que sempre torceu pela concretização dessa pesquisa; e ao colega Paulo Giovanni pelo incentivo, torcida e por sempre estar procurando saber dos avanços na pesquisa;

Agradeço às colegas de trabalho da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, pelo incentivo.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade discutir sobre a menopausa e seus sintomas, refletindo se estes se constituem enquanto fator de interferência no fazer pedagógicos das professoras que atuam na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sabendo que durante essa fase de suas vidas as professoras ainda devem estar em sala de aula, buscamos responder às seguintes perguntas: Como as professoras interpretam a menopausa? O que sentem, o que pensam e como agem? As mudanças ocorridas e os sintomas sentidos na menopausa interferem no seu fazer pedagógico? Deste modo, definiu-se como objetivo geral da pesquisa refletir sobre o pensar, o agir e o fazer pedagógico de professoras da Educação de Jovens e Adultos durante o período da menopausa frente às possíveis alterações da prática docente em sala de aula. A pesquisa é de natureza exploratória e qualitativa, utilizou-se como instrumento de coleta de dados uma entrevista e um questionário do Google, os quais foram respondidos por três professoras da Educação de Jovens e Adultos, de duas escolas da rede municipal de ensino, com idades de estarem na menopausa e climatério (45 aos 65 anos). As análises foram apoiadas na Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), possibilitando o levantamento de temáticas, conceituação, pontos positivos e negativos, a partir das inferências acerca do tema. Concluiu-se que as professoras percebem a menopausa enquanto uma fase de “De liberdade”, “De mudanças” e “De dificuldades”, podendo ser sentidos sintomas comuns e diversos, que para algumas profissionais modificaram suas práticas pedagógicas diárias, já para outras não.

Palavras chaves: Menopausa. Docência. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss menopause and its symptoms, reflecting whether these constitute an interference factor in the pedagogical practice of teachers who work in the Youth and Adult Education (EJA) modality. Knowing that during this phase of their lives teachers must still be in the classroom, we seek to answer the following questions: How do teachers interpret menopause? What do they feel, what do they think and how do they act? Do the changes occurred and the symptoms experienced during menopause interfere with your pedagogical practice? In this way, it was defined as the general objective of the research to reflect on the thinking, acting and pedagogical practice of teachers of Youth and Adult Education during the menopause period in view of possible changes in teaching practice in the classroom. The research is exploratory and qualitative in nature, as an instrument of data collection, an interview and a Google questionnaire were used, which were answered by three teachers of Youth and Adult Education, from two schools in the municipal school system, with age of menopause and climacteric (45 to 65 years). The analyzes were supported by Content Analysis (BARDIN, 1977), enabling the survey of themes, conceptualization, positive and negative points, based on inferences about the theme. It was concluded that the teachers perceive the menopause as a phase of “Of freedom”, “Of changes” and “Of difficulties”, being able to be felt common and diverse symptoms, that for some professionals modified their daily pedagogical practices, while for others they did not.

Key words: Menopause. Teaching. Youth and Adult Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. DOCÊNCIA E MENOPAUSA: OS DESAFIOS DE SER PROFESSORA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	12
2.1. O cuidado como forma de percepção dos sintomas e uma saída para a educação.....	15
3. MENOPAUSA E CLIMATÉRIO: CONCEITOS, SINTOMAS E CUIDADOS.....	21
3.1. Climatério: sofrimento ou mudança positiva?.....	25
3.2. Atendimento as mulheres no climatério.....	28
4. A PESQUISA.....	31
4.1. A estrutura da pesquisa e estratégia para se chegar aos resultados.....	33
4.2. Análise dos dados.....	34
4.2.1. Conceituação das professoras sobre a menopausa e o climatério.....	36
4.2.2. “Uma fase de liberdade”.....	37
4.2.3. “Uma fase de dificuldades”.....	38
4.2.4. “Uma fase de mudanças”.....	38
4.2.5. Breves considerações das conceituações.....	39
4.3. Sintomas do climatério sentidos pelas professoras.....	40
4.3.1. Breves considerações sobre os sintomas sentidos pelas professoras.....	44
4.4. Os sintomas de climatério têm interferido na docência?.....	45
4.4.1. Fechamento das análises sobre as interferências do climatério na docência.....	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	54
ANEXO.....	56

1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde – OMS não considera a menopausa uma doença, mas sim a última menstruação das mulheres, reconhecida após um ano de interrupção. Já o climatério corresponde ao período de vida das mulheres compreendido entre a fase reprodutiva e a sua entrada na velhice.

O climatério pode ser uma “fase geradora de conflitos e mudanças” (Vidal, 2009, p. 19), que caracterizando-se enquanto síndrome apresenta um conjunto de sinais, os quais podem prejudicar o bem-estar das mulheres (HABEL, 2000).

O magistério, por sua vez, é uma profissão predominantemente feminina, segundo pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2018). No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem 158.939 docentes do sexo feminino e 764 estão distribuídas nas redes de ensino municipal e estadual de João Pessoa. Destas, 492 professoras podem estar na fase da menopausa ou climatério, visto que se encontram nas seguintes faixas etárias: 193 têm de 40 a 49 anos; 129 têm de 50 a 59 anos; 93 têm de 55 a 59 anos; e 77 têm de 60 anos a mais.

Portanto, os números apontam para um campo de pesquisa que possibilita a investigação da influência dos sintomas da menopausa e climatério das professoras do EJA. Tanto enquanto fatores passíveis de modificar suas vidas, quanto, e consequentemente, enquanto elementos de interferência na prática diária de sala de aula.

O interesse em estudar a temática da pesquisa surgiu quando, em decorrência da entrada na menopausa precoce, aos 39 anos, comecei a apresentar sintomas até então desconhecidos e que me fizeram procurar entender o que estava acontecendo com meu corpo, meus sentimentos e com a minha vida.

Diante disso, enquanto mulher, designer gráfica autônoma, assessora técnica de comunicação da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres de João Pessoa e estudante concluinte de Pedagogia, comecei a refletir mais sobre a menopausa e como as mulheres vivenciavam esta fase de suas vidas.

Até começar a escrita do trabalho de conclusão do curso, os sintomas que eu apresentava pareciam não interferir na minha vida acadêmica. Acompanhava normalmente o curso, inclusive com um dos maiores rendimentos escolares da turma e com algumas disciplinas adiantadas. Porém apresentava cansaço, falta de

paciência e irritação, o que no momento em questão me parecia normal, dada as atividades que executava para a conclusão do curso, além do constante acompanhamento feito por mim ao meu pai idoso hospitalizado em decorrência da diabetes e de um problema de circulação.

A princípio, achava que com a escrita do TCC os sintomas se intensificavam, passando a sentir também os fogachos, apresentando falta de concentração e memória. Estes não me permitiam escrever da forma habitual – o que me fez trancar a disciplina e passar um tempo afastada da universidade. Desisti do tema escolhido inicialmente¹, mesmo com o trabalho quase concluído. Optei por estudar o que estava vivendo, logo após a confirmação médica da interferência do climatério no meu fazer acadêmico, com ênfase na escrita.

Com essa constatação surgiram algumas indagações: será que as professoras da Educação de Jovens e Adultos do município de João Pessoa, na fase do climatério, associam e/ou percebem alguma mudança no seu pensar, sentir e fazer pedagógico? Como a menopausa é vivenciada pelas professoras da EJA? Que interferência a docência e o ambiente escolar têm nesta fase da vida dessas professoras? A comunidade escolar está preparada para acolher e compreender professoras climatéricas?

A vontade de escrever sobre a temática foi reforçada no último estágio curricular obrigatório em Educação de Jovens e Adultos. Percebi que a professora e os alunos deixavam transparecer nas suas falas que com o envelhecimento a prática docente se modificava, e, em decorrência, a capacidade de aprendizagem por parte dos alunos se tornava cada vez mais limitada. Os discentes insistiam em dizer que caso as aulas da professora fossem melhores, aprenderiam mais, e relacionavam essa questão à idade da professora. Isto é, se a professora fosse mais jovem, ela daria uma aula melhor e eles aprenderiam mais. Chegavam a afirmar enfaticamente “já está na hora da professora se aposentar e vir uma mais nova”.

Além disso, uma aluna com 51 anos afirmava que não conseguia aprender o que a professora ensinava porque ela já não tinha idade para estudar, ou seja, estava velha para os estudos. Dizia que ao chegar em casa tentava escrever pelo menos uma das palavras ensinadas na aula, mas não conseguia lembrar.

¹ Análise das concepções de infâncias das publicidades infantis da década de 1980.

Certa vez, depois que lhe ensinei uma das tarefas, deu-me um beijo no rosto e perguntou-me: “Professora, a senhora acredita mesmo que com essa idade eu ainda aprenda a ler e escrever?”.

A referida professora, que embora parecesse jovem, já tinha tempo de serviço, podendo se aposentar. Disse-nos em uma entrevista que, no meio do ano, se aposentaria, pois estava tão cansada que não esperaria o fim do ano letivo.

A atual regra da reforma previdenciária, instituída pela Emenda Constitucional 103², de 12/11/2019 exige que as professoras contribuam por 25 anos exclusivamente no magistério (educação infantil, ensino fundamental e médio) e que tenham idade mínima de 57 anos. Deste modo, no futuro praticamente todas as professoras no período do climatério estarão em sala de aula.

Definiu-se como sujeitos da pesquisa as professoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que lecionam nas escolas da rede municipal de João Pessoa e que estejam em idade de estarem no climatério – 45 a 65 anos.

Nesse contexto, estabeleceu-se como objetivo geral da pesquisa refletir sobre o pensar, o agir e o fazer pedagógico de professoras da Educação de Jovens e Adultos durante o período da menopausa frente às possíveis alterações da prática docente em sala de aula.

Definiram-se ainda os objetivos específicos, considerando as questões a serem respondidas no trabalho, deste modo: Como as professoras da Educação de Jovens e Adultos interpretam a menopausa?; Identificar a concepção das professoras da EJA em relação à menopausa; Determinar a interpretação feita pelas docentes da EJA sobre a menopausa; O que sentem, o que pensam e como agem?; Identificar se as professoras da EJA, que estão na menopausa, sentem que as mudanças e/ou sintomas, específicos desta fase interferem no seu pensar, agir e fazer pedagógico; Verificar como as professoras da EJA pensam e agem em relação à menopausa; As mudanças ocorridas e os sintomas sentidos na menopausa interferem no seu fazer pedagógico? Relacionar as mudanças biológicas e psíquicas das docentes as alterações da prática pedagógica em sala de aula; Discutir se as mudanças ocorridas e sintomas sentidos na menopausa interferem no fazer pedagógico.

² A Emenda Constitucional 103, de 12/11/2019, está disponível no site do Senado Federal, no seguinte endereço para consulta: <https://legis.senado.leg.br/norma/31727296/publicacao/31727643>

A pesquisa é apoiada no método de análise do conteúdo, na perspectiva de Bardin (1977), definindo-se de natureza exploratória e descritiva analítica, de abordagem qualitativa, por ter como finalidade analisar os fatos mediante os aspectos pertinentes ao tema.

Segundo Bardin (1977, p. 44) “a análise do conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”. Deste modo, a pesquisa teve como instrumento de coleta de dados uma breve entrevista semiestruturada com perguntas abertas. Nela, as professoras da EJA puderam discorrer sobre o tema, relatando como vivenciam a menopausa e sua relação com a educação, possibilitando a inferência de palavras, expressões e textos a serem analisados.

Bardin (1977, p. 34), afirma ainda que a análise descritiva funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, podendo ser temática ou de significantes. Para a autora o tratamento descritivo deve acontecer no primeiro tempo da pesquisa, e não vem a ser exclusivo da análise de conteúdos.

Para Gil (2008), a pesquisa exploratória tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, proporcionando uma visão geral acerca de determinado fato. Já a descritiva, segundo BONAT (2009, p. 12), tem como “objetivo a proposição de soluções, as quais fornecem uma resposta direta ao problema apresentado”.

No escopo do trabalho delinearam-se três capítulos, a saber: no primeiro, buscou-se traçar uma discussão sobre os desafios das docentes da Educação de Jovens e Adultos, enquanto mulher climatérica e sua permanência na sala de aula; já o segundo capítulo, tratou de trazer o máximo de informações sobre a menopausa e o climatério, como forma de fundamentar a análise da pesquisa. Deste modo, focou-se os conceitos, sintomas e cuidados com as mulheres climatéricas, conceituados nos manuais da área da atenção à saúde da mulher, especificamente no climatério, e nas pesquisas que perpassam o tema com abordagem na educação; por fim, no terceiro capítulo trouxemos a metodologia usada na pesquisa, os dados e as análises das entrevistas realizadas com as professoras, bem como os resultados.

Finalizamos o trabalho com as considerações finais, as referências que permitiram a organização do trabalho e o anexo da entrevista.

2. DOCÊNCIA E MENOPAUSA: OS DESAFIOS DE SER PROFESSORA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os estágios curriculares obrigatórios têm permitido aos estudantes de Pedagogia se aproximarem das práticas docentes e identificarem os vários desafios enfrentados pelos profissionais da Educação de Jovens e Adultos, como: a violência; o uso de drogas na sala de aula; turmas heterogêneas com estudantes de idades muito diferentes, jovens que acabaram de entrar na adolescência e adultos com mais de 70 anos de idade; a evasão escolar; falta de infraestrutura apropriada; falta de materiais didáticos; dupla ou tripla jornada de trabalho; estresse no trabalho; uso do tempo exclusivo do trabalho; e a permanência na docência de sala de aula com o avançar da idade.

Nesse contexto, e em relação ao último desafio citado, muitos profissionais da educação, com ênfase no docente, tem apresentado problemas biológicos e psíquicos, tais como desgastes físicos e mentais (Cf. Associação Nova Escola, 2018³). Segundo a referida pesquisa, 66% dos professores entrevistados já tiveram que se afastar da sala de aula por algum tipo de problema de saúde. Os problemas mais frequentes apontados pelo estudo supracitado foram: ansiedade (68%); o estresse e dor de cabeça (63%), a insônia (39%); as dores nos membros (38%); as alergias (38%); e depressão (28%).

Cabe ressaltar que há pesquisas que investigam o esgotamento físico e mental, com destaque para a Síndrome de *Burnout*, amplamente discutida.

Nos dias atuais, embora os problemas e os desafios da docência pareçam ser os mesmos, pensamos que é possível investigar e apontar outros fatores que, ligados à saúde, tem contribuído para desgastes dos profissionais da educação, ultrapassando aqueles considerados inerentes à biologia do corpo humano.

Sabemos que a mulher historicamente vem sendo maioria no exercício do magistério no Brasil e que a professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ao entrar em processo de envelhecimento, pode apresentar alguns sintomas peculiares a esta fase da vida feminina, como o climatério. O último Censo Escolar (2017) aponta a seguinte situação: 80% do corpo docente da educação básica são

³ A pesquisa está disponível no site da instituição: <https://novaescola.org.br/conteudo/12302/pesquisa-indica-que-66-dos-professores-ja-precisaram-se-afastar-devido-a-problemas-de-saude#>

mulheres e 52,2% delas possuem mais de 40 anos – significando que, no Brasil, essas professoras em efetivo exercício do magistério em sala de aula podem estar nesse ciclo da vida.

De acordo, com o Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa (MAMC/M) (2008), pautado na conceituação da Organização Mundial de Saúde, o Climatério/Menopausa é:

Uma fase biológica da vida da mulher e não um processo patológico, que compreende a transição entre o período reprodutivo e o não reprodutivo da vida da mulher. A menopausa é um marco desta fase, correspondendo ao último ciclo menstrual, somente reconhecida depois de passados 12 meses da sua ocorrência e acontece geralmente em torno dos 48 aos 50 anos de idade. (BRASIL, MAMC/M, 2008, p. 11)

Contudo, o manual da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO) prevê a menopausa precoce – antes dos 40 anos de idade – relacionada a fatores socioeconômicos e culturais, tabagismo, paridade, altitude e nutrição, sendo mulheres que exercem profissões estressantes e com longas jornadas de trabalho as mais atingidas pela menopausa precoce. (FEBRASGO, 2010)

Como sabemos, o exercício do magistério tem se configurado como uma profissão considerada estressante e desvalorizada. Segundo Reis e Fonseca (2018) a desvalorização salarial e desqualificação da profissão se dão devido à sobrecarga de trabalho e ao baixo salário.

Diante disso, surgem-nos algumas inquietações: O que ocorre quando a professora do EJA envelhece e passa a apresentar aspectos físicos e psíquicos que interferem no seu pensar, sentir e agir pedagógicos? Quais são as medidas e providências tomadas pela gestão pública para garantir o direito à saúde dessas profissionais? Em síntese buscamos responder à seguinte questão: Será que as professoras sentem a mudança do seu fazer diário a partir do climatério? Elas percebem que a sua estrutura biológica alterada é capaz de alterar significativamente e por vezes negativamente a sua prática docente e pedagógica?

No climatério, as mulheres podem apresentar sintomas vasomotores e sintomas neurovegetativos, os quais podem comprometer o seu bem-estar, interferindo no seu cotidiano.

Os fogachos ou “ondas de calor” constituem o sintoma mais comum nas mulheres ocidentais, podendo ocorrer em qualquer fase do climatério. Manifestam-se como sensação transitória súbita e intensa de calor na pele, principalmente tronco, pescoço e face que pode apresentar hiperemia, acompanhada na maioria das vezes de sudorese. Além disso, pode ocorrer palpitação e mais raramente, sensação de desfalecimento, gerando desconforto e mal estar. Outros sintomas neurovegetativos encontrados frequentemente são os calafrios, insônia ou sono agitado, vertigens, parestesias, diminuição da memória e fadiga, que muitas vezes são relacionadas a etimologias diversas no climatério. (BRASIL, MAMC/M, 2008, p.34-35) [Grifos do original]

Dos sintomas acima citados, os neurovegetativos parecem contribuir para um maior esgotamento físico e mental em mulheres climatéricas. Conhecendo a rotina da professora de EJA, a qual não se restringe apenas a dar aulas, entendendo ainda que a docência seja um trabalho intelectual que requer muita leitura, escrita, planejamento e avaliação, podemos destacar a diminuição da memória e a fadiga como dois sintomas que podem interferir diretamente na prática docente destas profissionais. Mas, será que estas profissionais percebem isso? Será que relacionam essa fadiga e a diminuição da memória ao climatério? Será que tais sintomas interferem em seu fazer pedagógico, reduzindo o seu rendimento?

Deste modo, retornamos a situação inicial, a permanência de professoras com idade avançada em sala de aula, observada no estágio obrigatório do curso de Pedagogia, em processo de aposentadoria com cansaço ocasionado pela profissão, e com o questionamento de uma estudante idosa que não mais acreditava ser capaz de aprender a ler e escrever. Estas pessoas, professora e aluna, provavelmente em menopausa ou climatéricas, têm outros afazeres, fruto da múltipla jornada de trabalho que traz cansaço e fadiga, e, todavia, estas podem ou não ter consciência dos efeitos disso em suas vidas.

Essa discussão na escola pode promover uma reflexão por parte dos envolvidos, contribuindo para que os educadores se mantenham atentos ao que sentem e como agem em cada fase de suas vidas, como tais sintomas repercutem no processo de aquisição do conhecimento. Torna-se vital entender se as mudanças no ser humano contribuem para a manutenção dos sujeitos na escola, ou tem se constituído como um dos motivos de afastamento destes da sala de aula.

2.1. O cuidado como forma de percepção dos sintomas e uma saída para a educação

O desafio de ser professora da EJA, ensinando a noite, dona de casa, mãe e profissional que tem que estar atenta aos cuidados com a sua saúde física e mental, parece se ampliar a partir do momento em que a docente se encontra no final da carreira e adentra a menopausa.

No climatério, essas profissionais têm que cuidar de si e de suas alunas percebendo-as enquanto sujeitos de direitos de participarem da vida escolar e decidirem por vontade própria até quando devem estudar e trabalhar, sem que seu biológico e psíquico determine isso por elas.

Quando comecei a sentir os sintomas do climatério e estes começaram a interferir no meu fazer acadêmico, os sintomas de cansaço e falta de concentração me pareciam normais devido à carga de tarefas que eu realizava diariamente. Eu buscava me cuidar fazendo academia, estudando dança de salão – uma paixão que tenho e que me faz muito bem – além de tomar minhas vitaminas. Mas isto não foi suficiente para me manter na universidade, tendo que me afastar por um período e buscar primeiramente entender o que estava acontecendo comigo, segundo estudar sobre a menopausa e o climatério e por fim buscar um apoio profissional.

No meu caso, a universidade por ser uma instituição onde os alunos não tem tanta proximidade com os gestores, ao procurar a coordenação do curso, a opção que me ofereceram foi a de trancamento do curso, porém eu insisti em continuar estudando e cursando algumas disciplinas complementares.

Na EJA, as alunas desenvolvem uma relação mais próxima com as professoras, podendo dialogar sobre a menopausa e seus sintomas. Nessa troca de informações, ambas podem cuidar uma da outra e aprenderem juntas a vivenciar de maneira mais leve esse período, que muitas vezes se apresentam para as mulheres de forma avassaladora, cheio de angustias, incertezas e desafios.

Nessa perspectiva, questionava-me que se eu fosse hoje uma professora da Educação de Jovens e Adultos e uma aluna minha apresentasse os sintomas da menopausa e estes viessem a interferir no seu rendimento na escola, como resolveria o caso? Dentro do meu conhecimento profissional na Secretaria de Mulheres de João Pessoa, sei da importância das mulheres serem acolhidas, escutadas e principalmente cuidadas.

Acredito, mediante o que vivenciei, em como acompanhamentos diários às mulheres na secretaria, e diante do que se vinha estudando na universidade acerca dos sujeitos da EJA e da importância de que se assuma uma postura de educadora democrática, que cuidar venha a ser a saída para a educação. Mas como se cuida?

Penso que primeiramente ouvindo essas mulheres, segundo encaminhando para a rede municipal de saúde e acompanhando como essa mulher vem sendo cuidada pelo sistema de saúde. A escola é uma porta de entrada, mas precisa ser também uma porta de conexão para a resolubilidade de problemas, os quais só se resolvem através do diálogo.

O termo “cuidar” aparece tanto nas diretrizes nacionais curriculares da educação, quanto em Manuais de atendimento à atenção às mulheres no climatério da rede nacional de saúde, os quais orientam como devem ser a postura de seus profissionais.

Para o MAMC/M o cuidar define a importância desse período da vida da mulher e dela ser assistida por profissionais que às escute, dialogue sobre o climatério e às ajude a passar por ele sem causar danos, promovendo o bem-estar.

Para a educação, o termo cuidar é considerado como um ato indissociável do educar, a partir do momento em que se cuida também se educa, se aprende e se reelabora significados. (RCNEI, 1998)

Nessa perspectiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNs) (2013) determinam que as dimensões do cuidar e educar, antes direcionadas apenas à Educação Infantil, sejam também consideradas no Ensino Fundamental e posteriores. Para o documento cuidar e educar significa:

Compreender que o direito à educação parte do princípio da formação da pessoa em sua essência humana. Trata-se de considerar o cuidado no sentido profundo do que seja acolhimento de todos – crianças, jovens e adultos – com respeito e com atenção adequada. (BRASIL, DCNs, 2013, p. 19)

No documento, o conceito de educação está alicerçado no ato de cuidar, como um desafio, sendo também um fator necessário para a formação tanto da professora, quanto de suas alunas, constituindo-se um processo emancipatório.

Educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir, cuidar de si, do outro, da escola.

Educar é, enfim, enfrentar o desafio de lidar com gente, isto é, com criaturas tão imprevisíveis e diferentes quanto semelhantes, ao longo de uma existência inscrita na teia das relações humanas, neste mundo complexo. Educar com cuidado significa aprender a amar sem dependência, desenvolver a sensibilidade humana na relação de cada um consigo, com o outro e com tudo o que existe, com zelo, ante uma situação que requer cautela em buscar da formação humana plena. (BRASIL, DCNs, 2013, p. 20)

O desafio de lidar com pessoas adultas e seus problemas requer dar a elas um atendimento adulto, sem infantilizar e sem vitimá-las, proporcionando um diálogo reflexivo, em que professoras e alunas possam se perceber enquanto sujeitos inacabados, portanto em constante processo de aprendizagem durante toda sua existência. (FREIRE, 1996)

Nessa perspectiva, o ato de se cuidar pode ajudar as professoras a estarem em constante processo de reflexão, contribuindo para que estas percebam com mais facilidade que estão no climatério, procurando de forma preventiva entender melhor esta fase.

A professora da EJA ao se cuidar pode perceber-se enquanto um sujeito que requer cuidados, que pode se cuidar e que pode cuidar de suas alunas. A fase do climatério pode contribuir para que esta profissional repense inclusive a sua prática na sala de aula, buscando aprender a lidar com os dilemas vivenciados, como também pode de forma reflexiva está ligado ao seu processo formativo, o qual perdura por toda vida.

Callai (2013, n.p.), afirma que a formação docente é um processo complexo e gradual, estando sempre em constante desenvolvimento.

A formação de professor é entendida como um processo que acontece ao longo do caminho da sua constituição profissional, e como tal é sempre complexo e singularizado com/no desenvolvimento integral de cada sujeito. Estes sujeitos vivem num contexto histórico, cultural e social, portanto sempre em movimento no seu processo de formação.

Nesse contexto, os autores ao afirmarem a complexidade do processo de formação docente e de seu movimento em direção à profissionalização, nos chama atenção à importância da formação continuada da professora da EJA – estudo e

reflexão das estratégias a serem aplicadas para melhor desempenho individual de cada sujeito, e de se manter atualizada para melhor desempenhar a prática educativa enfrentando os desafios encontrados na sala de aula.

Para Imbernón (2002), a formação docente deve ir além da atualização científica, pedagógica e didática, possibilitando a participação, reflexão e uma formação que possibilite os sujeitos da aprendizagem – neste caso professora e alunas – a se adaptarem as mudanças e as incertezas.

Segundo Vidal (2009, p. 19), a falta de informação e orientação sobre o climatério, o desconhecimento dos sinais e sintomas, são fatores que colaboram para que as mulheres fiquem mais vulneráveis e inseguras. Deste modo, a autora compreende essa fase da vida das mulheres como:

[...] geradora de mudanças e conflitos, ocasionando sofrimento, e este não está relacionado apenas ao seu estado biológico momentâneo, mas a todo um contexto social, político e cultural onde se encontra.

Não sendo uma questão meramente biológica, o climatério permite que a mulher, ao tentar compreendê-lo, questione o seu lugar na sociedade, podendo refletir sobre si mesma (Quem sou? O que estou sentindo? Por que estou sentindo? De onde vêm esses sintomas? Quais são os fatores genéticos que colaboram para o que estou sentindo? O que sentiu minha mãe quando passou pelo climatério? O que vai mudar na minha vida a partir do climatério? Como a sociedade está me vendo? De que forma eu vou viver minha vida agora?).

Nesse processo, as mulheres podem repensar suas vidas, decidindo como será de agora em diante, sem precisarem abandonar seus sonhos e projetos. Penso que com a ajuda dos profissionais da escola em diálogo com os da saúde, elas poderão inclusive contestar discursos a elas dirigidos pela indústria dos medicamentos, que tem apresentado por meio das publicidades a menstruação, a menopausa e o climatério como doenças. Portanto ser resolvido apenas com remédios e tratamento médico, deturpando os conceitos de cuidado e acolhimento sugeridos e recomendados pelo Sistema Nacional de Saúde, os quais enfocaremos mais adiante neste trabalho como forma de apontar alternativa de compreender como deve ser o atendimento as mulheres no climatério.

É interessante reconhecermos que se hoje podemos dialogar temas como este na escola é porque os aparatos legais que alicerçam a Educação de Jovens e Adultos nos permitem e nos convidam a repensar a educação por meio de uma abordagem humanista, dialógica e não excludente, apoiadas nos ensinamentos de Freire e Martin Buber. (UNESCO, 2016).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em 2016, estabeleceu como propósito fundamental da educação no século XXI a preservação e a promoção da dignidade, das capacidades e bem-estar do ser humano. A organização afirma ainda que é preciso rejeitar práticas educativas que alienem e tratem as pessoas como mercadorias, e também práticas sociais que dividam e desumanizem as pessoas.

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos é garantida pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208:

“1 – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso em idade própria”.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei nº 8.069/90, artigos 2º, 3º e 4º), assegura à criança e o adolescente de até 18 anos todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa, as oportunidades oferecidas para seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social. O ECA reconhece como direitos os referentes: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à dignidade, à profissionalização, à cultura, ao respeito mútuo, à liberdade, à convivência familiar e comunitária.

Em 2000, com a regulamentação das Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos (DCNs/EJA), por meio da Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000 e pelo Parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação, a EJA é reconhecida como Modalidade da Educação Básica.

A Lei nº 13.632, de março de 2018, alterou a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), modificando no seu Capítulo II, na Sessão V (Da Educação de Jovens e Adultos) no artigo 37, dispondo sobre a educação e aprendizagem ao longo da vida.

Art. 37. A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamentais e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. (BRASIL, DCNs/EJA, 2018)

A concepção de educação do documento é ampla e abrangente (“ao longo da vida”), significando a possibilidade de trazer à tona conteúdos intimamente relacionados ao cotidiano dos estudantes em diferentes momentos de suas vidas. Considerando, inclusive, a saúde da mulher na idade adulta como um tema possível de gerar para educação contextualizada e eficaz, promovendo resolução de problemas que venham a interferir na aprendizagem dos estudantes da EJA.

Nas diretrizes da EJA, a formação inicial e continuada dos profissionais dessa modalidade deverá ser alicerçada nas DCNs, e está dirigida à: “investigação dos problemas desta modalidade de educação, buscando oferecer soluções teoricamente fundamentadas e socialmente contextualizadas”. (Resolução CNE/CEB 2000, de nº 01, de 05 de julho de 2000, artigo 17, item II)

Nessa perspectiva, para que a professora dialogue sobre a temática sugerida nessa pesquisa, a saúde da mulher, especialmente no climatério, é preciso que ela se aproprie, conheça mais do assunto (conceitos, atendimento e orientações), de como deve proceder nessa fase da vida, preservando o fazer pedagógico das professoras e acadêmico dos estudantes.

3. MENOPAUSA E CLIMATÉRIO: CONCEITOS, SINTOMAS E CUIDADOS

As pesquisas sobre a menopausa e o climatério relacionados à educação são poucas e em sua maioria tem como foco o envelhecimento, devido às estatísticas que apontam para um aumento populacional de idosos em todo mundo.

No Brasil, a expectativa de vida das mulheres ultrapassa os 70 anos, consequentemente com mais mulheres na fase de menopausa ou climatério, fator biológico que denota que o corpo da mulher está começando a envelhecer.

Habel (2000), classifica o climatério enquanto síndrome – a Síndrome do climatério, ou moléstia menopausal, ou síndrome menopausal –, o que compreende o conjunto de sintomas e sinais que aparecem nesse período e prejudicam o bem-estar da mulher.

O referido autor afirma ser o climatério um período negativo ao bem-feminino, com prejuízos à saúde da mulher devido aos seus sintomas, deixando claro haver uma interrupção e alteração no modo de vida das mulheres climatéricas, configurando um aspecto danoso e de desconforto.

Neste sentido, sabendo que a menopausa vem a ser um evento pontual na vida das mulheres, mesmo que não se possa afirmar exatamente quando irá acontecer, não seria uma questão importante de ser pensada e se procurar conhecer seus sinais e sintomas antecipada e preventivamente como forma de reduzir as perdas e gerar mais bem-estar?

Mas, será que as mulheres, em especial as professoras da Educação de Jovens e Adultos tem conhecimento sobre a menopausa, o climatério e seus sintomas? E quando o climatério chega para essas professoras, o que acontece?

Gutiérrez (1992) define o climatério como um acontecimento fisiológico, período em que acontecem as diminuições das funções ovarianas, com a presença de alterações endócrinas, somáticas e psíquicas. Afirma ainda que o termo é erroneamente utilizado como menopausa.

Segundo a Sociedade Brasileira de Climatério (SOBRAC) (2013) o climatério apresenta três fases: a *perimenopausal*, período que antecede a menopausa natural, na qual se iniciam as alterações corporais; menopausa natural, quando ocorrem sem intervenção medicamentosa ou cirúrgica, ou seja, de forma natural, só sendo considerada depois de um ano sem a mulher menstruar; e a pós-menopausa, período que decorre após a instauração da menopausa.

A Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO) (2010) afirma que as mulheres no climatério podem apresentar sintomas vasomotores e manifestações neurogênicas, aparecendo as ondas de calor, sudorese, além de alteração de humor, insônia, secura vaginal, distúrbio do sono, tonturas, perda da memória e fadiga.

Os fogachos, calor excessivo sentido pelas mulheres climatéricas, podem vir acompanhados de calafrios e taquicardia, comprometendo o sono das mulheres, deixando-as fadigadas e ocasionando irritabilidade. (BRASIL, MAMC/M, 2008)

Como sabemos a fadiga pode estar relacionada a outros fatores da vida das professoras, visto que sua profissão muitas vezes contribui para que tenham uma vida sedentária, sem tempo de dedicar-se a um exercício físico. Além de que enquanto mulher, administradora do lar e profissional, esta pode apresentar-se mais cansada física e mentalmente.

Segundo a FEBRASGO (2010), é imprescindível à prática de atividades físicas pelas mulheres no climatério, as quais podem amenizar os sintomas somáticos, melhorar o humor, além de aliviar as ondas de calor e reduzir o risco de doenças cardiovasculares, diabetes *mellitus* e da hipertensão arterial.

Cau-Barelle (2014), destaca em sua pesquisa sobre as “Estratégias de trabalho e dificuldades dos professores em fim de carreira: Elementos para uma abordagem sob o prisma do gênero”, que:

As mulheres parecem sentir uma fadiga mais intensa do que os homens em fim de carreira, que pode esta ligada a dois fatores: a menopausa e o acumular de atividades profissionais e de gestão da família ao longo de toda a vida profissional. (Cau-Barelle, 2014, p. 68)

Vale salientar que nos dias atuais há uma demanda de alunas no ensino superior com idade de estarem entrando na menopausa ou climatério, nas licenciaturas, em especial em Pedagogia. Isso se deve às novas formas de inserção nas universidades públicas e particulares - ENEM, iniciativas do Governo Federal e dos regimes de cotas, que tem possibilitado a entrada de pessoas que estudaram integralmente em escolas públicas; pessoas com menor poder aquisitivos; pessoas descendentes de afro (negros e pardos); que nesse caso, estão apenas iniciando na docência, mas que já podem estar sentindo os efeitos dessa fase.

Neste sentido, não seria adequado afirmar que os efeitos da menopausa ou climatério podem interferir no fazer pedagógico apenas das professoras em final de carreira. A proposta de discutir o tema nesse trabalho nasceu na perspectiva de voltarmos o olhar para as professoras da EJA, independentemente do seu tempo de serviço, e que este olhar se amplie e se estenda, permitindo o conhecimento e o entendimento do que elas sentem, como agem e o que pensam no climatério.

A autora Cau-Barelle (2014), conceitua a menopausa enquanto uma fase de desequilíbrio do organismo com efeitos físicos e psicológicos, os quais podem afetar tanto a vida profissional, como a vida geral, necessitando de ajustes delicados. No que tange fadiga sentida pelas professoras, a autora afirma que esta gera um sentimento de impotência que ultrapassa o saber-fazer adquirido pela experiência profissional.

A profissão do professor por si só já é bastante desgastante e conciliar com a gestão da casa e a vida social é uma tarefa não tão fácil de administrar. É preciso, muitas vezes, a compreensão e a ajuda coletiva dos demais envolvidos, num esforço em buscar pelo menos entender o que está acontecendo, antes de sugerir uma alternativa pensando apenas na solução do problema escolar.

Diante disso, questionamos: as professoras que se apresentam psicologicamente abaladas, seja por efeito do climatério ou por outros motivos geralmente são afastadas da sala de aula para tratamento médico específico?

Se de fato a fadiga, a falta de concentração, os fogachos, a oscilação de humor, a depressão, entre outros fatores da menopausa, contribuem para uma mudança no comportamento e na prática docente das professoras climatéricas, será o afastamento destas profissionais da sala de aula a melhor saída? Não será estigmatizar a pessoa, gerando uma identidade de profissionais incapazes? A escola não tem se preocupado com os fatores que tem contribuído para o adoecimento e o afastamento de seus profissionais e buscando trabalhar com a prevenção, portanto estando atento e conhecendo de perto quem são seus profissionais? Será que a falta de interesse da gestão pelos seus profissionais e as dificuldades que estes têm passado na sala de aula não contribuem também para uma desmotivação do professor? Deste modo, a escola não estaria contribuindo também para uma exclusão destas profissionais da sala de aula?

Tais questionamentos são trazidos para reflexão e entendimento da urgência de dialogar mais sobre o assunto, pois dá abertura para diversos diálogos dentro da

escola, como forma de melhorar a produtividade, gerar bem-estar profissional e diminuir a incidência de adoecimento e afastamento das profissionais da educação.

Para Mória e Croce (2016), a fadiga, a depressão, o estresse e a falta de motivação, também se apresentam enquanto características marcantes para a desistência do professor da sala de aula. As autoras, citando Dejours (2004), afirmam que o trabalho jamais é neutro, podendo gerar saúde, mas também constrangimento patológico, desestabilizando e empurrando o sujeito para desestabilização e descompensação.

Ainda hoje, conversar sobre menstruação, climatério e seus fatores tem sido um tabu restrito às mulheres e aos profissionais de saúde. Além disso, falar sobre a sexualidade feminina, seu corpo e suas transformações, principalmente nas escolas, onde muitas vezes se tem à frente gestores do sexo masculino, exige abertura ao diálogo e ao enfrentamento da discussão de determinados temas, demonstrando ter interesse de cuidar dos profissionais da educação antes desses chegarem ao esgotamento e ao afastamento de suas atividades.

Vital (2009, p. 26) *apud* (Costa, Gualda, 2008), afirma que as mulheres são sujeitos socioculturais, pois:

[...] elas têm modos de pensar, sentir, agir e interpretar a menopausa com apoio na sua visão de mundo, decorrentes das suas relações e interações que estabelecem com as pessoas e o ambiente. Assim sendo, não cabe apenas à Biologia explicar a vivência feminina nesta etapa da vida, mas também às ciências humanas, que reconhecem a menopausa como mediada pelo contexto sociocultural e também pela história pessoal e familiar.

Como as professoras da EJA pensam, sentem, agem e interpretam a menopausa? Se sentem animadas ou desanimadas, otimistas ou pessimistas com a chegada da menopausa? Como sabemos, nossa motivação e nossa maneira de interpretar o que estamos vivendo reflete diretamente nas nossas ações, definindo como vamos agir e reagir.

Nesse sentido, será que a menopausa se constitui enquanto um fator que vai colaborar com o fazer pedagógico das professoras da EJA ou vai de certo modo contribuir para que se acomodem e procurem se afastar da sala de aula?

Reconhecemos que o climatério reúne sintomas que vão além do biológico da mulher, porém nos deteremos exclusivamente sobre estes fatores, tomando

conhecimento dos sintomas sentidos pelas professoras e como elas vivenciam essa fase da vida e sua relação com a educação.

3.1. Climatério: sofrimento ou mudança positiva?

Nem sempre a mulher entende o que é estar no climatério, isto porque os sintomas podem aparecer antes mesmo de elas deixarem de menstruar, o que pode levá-las a adiar o início de um tratamento que poderia lhe trazer bem-estar mais cedo.

Em acompanhamento à equipe da coordenação de Saúde e dos Direitos Reprodutivos da Mulher, da Secretaria Extraordinária de Políticas Públicas para as Mulheres de João Pessoa, a qual eu faço parte como assessora técnica de comunicação, em algumas rodas de diálogos sobre o climatério percebeu-se que as mulheres relatavam estarem vivendo uma fase bastante sofrida, angustiante e cheia de medos. Esses motivos as levaram a procurar a instituição de saúde, na qual aconteciam as conversas de acolhimentos. Algumas afirmavam estarem em depressão, tomarem remédios para dormir; outras diziam sentir-se cansadas; já outras tinham como maior queixa as ondas de calor.

Deste modo, percebemos que as mulheres vivenciam o climatério diferente umas das outras, apresentando sintomas distintos e encarando a vida de maneira diferenciada. Mas, será que nessa fase de suas vidas as mulheres só têm perdas? Ou será que existem mulheres que enxergam de maneira positiva e sem queixas?

Às vezes é vivenciado como uma passagem silenciosa (sem queixas); outras vezes, essa fase pode ser muito expressiva, acompanhada de sintomatologia que gera alterações na rotina, mas, no geral, é uma fase com perdas e ganhos, altos e baixos, novas liberdades, novas limitações e possibilidades para as mulheres. (BRASIL, MAMC/M, 2008, p. 15)

Nessa perspectiva, a entrada na menopausa precoce pode ser recebida pela mulher com alegria ou não, dependendo de como ela tenha vivido e administrado suas vidas. As mulheres que casaram, constituíram famílias e ou se dedicaram a uma profissão obtendo o sucesso profissional, podem receber a notícia com

entusiasmo, afinal estão livre dos incômodos da menstruação e podem se dedicar à família ou à profissão com mais liberdade.

Já as que se mantiveram solteiras, mas ainda alimentam o desejo de serem mães, juntamente com a ideia de que seu corpo está envelhecendo e que se vão perder a jovialidade, podem desanimar, inclusive entrar num processo de depressão. Mas, também vão ter as mulheres que mesmo sem terem casado e sem filhos, enxerguem na menopausa a possibilidade de viver uma fase com mais liberdade, desafios e conhecimentos.

Segundo o MAMC/M (2008), o risco das mulheres de terem depressão no climatério é maior, e alguns médicos sabendo dessa ampla ocorrência muitas vezes levam-nas a acreditarem estarem doentes.

Na tentativa de combater um certo mal-estar físico e psicológico, característico e passageiro desse momento da vida, muitos médicos transformam as queixas ouvidas nas consultas ginecológicas em uma doença, cujo tratamento passa a ser obrigatoriamente à base de hormônios e antidepressivos, perdendo a oportunidade de uma abordagem integral voltada a promoção da saúde. (BRASIL, MAMC/M, 2008, p. 22 e 23)

Nesse sentido, instruir as mulheres sobre o climatério é permitir que elas definam como querem vivenciar essa fase de suas vidas, sem aceitar que outras pessoas às rotulem como mulheres depressivas, incapazes, medrosas e desmotivadas.

Como sabemos, é difícil que as professoras cheguem até a aposentadoria sem estar cansadas e descontentes com o magistério, por fatores econômicos e estruturais. Esse descontentamento sendo acentuado pelos sintomas do climatério, não poderia levar estas profissionais a serem diagnosticadas com depressão?

Outro fato interessante para se destacar é que a menopausa ou climatério carrega consigo alguns mitos e preconceitos. No “Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa”, a questão da sexualidade é apontada de forma controversa, desmistificando a ideia de que a mulher climatérica torna-se assexuada:

Algumas mulheres nesse período podem sentir diminuição do desejo enquanto outras experimentam o processo inverso, ou seja, uma liberação do desejo e o exercício de uma sexualidade menos

conflituosa. Isso se dá, devido [...] o conceito de satisfação muda, permitindo a procura de novas formas de exercer a sexualidade, motivada pela sabedoria adquirida, melhor conhecimento do corpo e maturidade para buscar outras opções. (BRASIL, MAMC/M, 2008, p. 26)

O climatério, neste sentido, pode proporcionar às mulheres uma chamada a repensar sua vida, possibilitando-a descobrir novas formas de viver, se desprendendo das amarras sociais e mais focadas no seu bem-estar, levando em consideração suas vontades, respeitando os limites estabelecidos pelo corpo. Os quais, nem sempre são negativos, pois existem mulheres climatéricas que, por exemplo, apresentam melhor desempenho sexual, agora sem a presença da menstruação e podendo vivenciar o sexo com menos preocupação de engravidar.

Entendemos que a mulher pode encarar a fase do climatério como um período delicado de sua vida, com dores, depressão, angústias, medos. Mas também pode ser momento de desafios e conquistas, sentindo-se mais livres por não mais menstruem, frequentando academias, associações de bairros, grupos de meia idade, descobrindo na dança a alegria de viver, viajando mais, cursando uma faculdade, etc.

Pensamos que discutir as temáticas relacionadas ao fator biológico do corpo feminino nas escolas e universidades pode contribuir para um olhar mais humanizado sobre as profissionais de educação, por compreender ser um fator de ordem orgânica, visto que há fases em que estas profissionais podem apresentar limitações. E por conta dessas limitações, são rotuladas como despreparadas, descontentes com a profissão, sendo profissionais em final de carreira acomodadas e que assumiram uma postura livresca, podendo esconder por trás de tais comportamentos um cansaço, entre outros fatores, que vai além do desgaste profissional. Mais um reflexo da cobrança do tempo em relação ao seu biológico e que pode interferir na sua rotina profissional, ou seja, no seu fazer pedagógico.

Deste modo, compreende-se que cuidar das professoras da Educação de Jovens e Adultos, que estão no período de menopausa e climatério, é possibilitar uma formação com mais qualidade, levando em consideração os sujeitos e suas peculiaridades. Para tal, é necessário ir além do profissional, enxergando-as primeiramente enquanto pessoas que precisam de cuidados especiais em determinadas fases da vida, e que poderão compreender conseqüentemente pelo

que passam suas alunas – mulheres adultas que também passarão pela menopausa e climatério –, visto que a EJA possibilita essa troca de experiência entre os profissionais e alunos nas temáticas, estendendo as discussões e cuidados a todos da escola de forma democrática.

3.2. Atendimento as mulheres no climatério

O MAMC/M (2008) recomenda que o atendimento deve ser humanizado, reconhecendo as lacunas existentes em relação à qualificação de seus profissionais, exterminando todo tipo de preconceito e violência.

Para o referido órgão, o atendimento humanizado é sinônimo de reconhecimento da dignidade humana, baseando-se especialmente na possibilidade de acesso ao serviço, na forma de atendimento e na resolutividade das demandas, sendo importante o envolvimento de diversos profissionais que trabalham com a complexidade dessa fase e buscam o bem-estar das mulheres no climatério.

Os profissionais de saúde exercem importante função no atendimento dessas mulheres, sendo necessário que tenham esses aspectos em mente, qualifiquem sua escuta, acolham as queixas e estimulem a mulher a investir em si própria, no seu autocuidado e a valorizar-se. Deve contribuir para que cada mulher exerça o protagonismo de sua história de saúde e de vida. (BRASIL, MAMC/M, 2008, p. 15)

Diante do exposto percebe-se que os profissionais da saúde assumem um papel educativo, estabelecido por meio do diálogo, buscando promover o entendimento e a autonomia da mulher por meio da reflexão, conscientização e contextualização frente aos desafios da fase que está vivenciando.

Observa-se que a metodologia adotada pelo SUS contempla conceitos originários da pedagogia de Freire, que tem como ponto de partida o diálogo, a reflexão e conscientização, com foco na transformação do sujeito.

Cabe destacar que o processo de humanização perpassa o de desumanização, pois só se busca humanizar porque há desumanização. Essa dicotomia levantada pelo autor implica dizer que há um sistema que oprime e os que são oprimidos.

Segundo Freire, os homens diferentes dos demais animais, inacabados e não históricos, têm a consciência de sua inconclusão, podendo tomar consciência e por meio da autopercepção iniciar de forma individual um processo de descoberta, o qual pode se estender do individual para o social. (FREIRE, 2003)

As mulheres quando buscam saber mais sobre o climatério e porque estão sentindo determinados sintomas desejam se libertar do que lhes aflige. É nesse processo de busca que tomam consciência do que estão passando, e essa tomada de consciência define sua conduta de aceitar ou de enfrentar o problema.

Deste modo, quando uma professora da EJA reflete sobre sua condição individual de ser uma mulher de meia idade, climatérica, sentindo determinados sintomas e mais propícia a determinadas doenças, é o momento de se perguntar: Quem sou eu? O que estou sentindo? No que isto está interferindo na minha vida? Que postura eu devo assumir a partir de agora em casa, na sociedade, na minha profissão? O que eu vou fazer a partir de agora para ter qualidade de vida?

Tal reflexão inicialmente vem no sentido de solucionar um problema seu (individual), mas a conduta assumida frente a sua tomada de consciência vai ser vista e pode ser assumida coletivamente por outras professoras (social), influenciando positivamente ou negativamente.

A reflexão sobre a temática, a tomada de consciência e as diferentes formas de reação das professoras no climatério são importantes para que não se legitime uma identidade da profissional da educação climatérica como: histérica, desequilibrada emocionalmente, desconcentrada, incapaz e vitimada. Ou seja, doente.

Nesse contexto, o diálogo com o profissional da saúde torna-se importante instrumento para o entendimento das mulheres, assim como para que não se constitua uma prática opressiva e manipuladora, por parte dos agentes de saúde.

Freire, ao discutir o processo de humanização, denuncia um sistema opressor que tem nas mãos conhecimento, portanto detentor do poder, e utiliza-o para oprimir a classe menos esclarecida. Do mesmo modo, porém com um discurso mais amigável, o governo ao sugerir um atendimento humanizado denuncia que no seu sistema ainda há práticas de desumanização, que requer mudanças, respeito e ética por parte de seus profissionais.

O fato de o climatério ser caracterizado por mudanças biológicas, psíquicas e sociais talvez induza a associá-lo com doença. É durante esta fase que as mulheres são mais medicalizadas por psicotrópicos. Alguns estudos mostram que há um nítido predomínio no uso de benzodiazepínico entre mulheres, quando comparado aos homens, e este uso tende a ser mais acentuados nas mulheres acima de 35 anos (de 3,7% entre 18 a 21 anos para 5,3% naquelas acima de 35 anos). Isso pode indicar tanto maior demanda, de medicamentos para amenizar diversos conflitos decorrentes de fatores relacionais, sociais e psicológicos, como uma posição de profissionais médicos de medicalizar a mulher em sofrimento antes de proporcionar a ela uma escuta mais qualificada. (BRASIL, MAMC/M, 2008, p. 22).

Compreende-se a partir do que se foi citado acima ser a mulher climatérica um ser que requer cuidados, visto que tais mudanças que ultrapassam o biológico podem levá-las a sofrerem implicações, permitindo ainda serem enganadas se não esclarecidas antecipadamente sobre os sintomas do climatério.

Nessa perspectiva, percebe-se que as informações sobre a menopausa e o climatério deveriam chegar até as professoras adentrando os muros das escolas antes mesmo que estas sejam consideradas climatéricas, como forma de esclarecê-las e preservá-las na profissão.

4. A PESQUISA

A pesquisa é apoiada no método de análise do conteúdo, na perspectiva de Bardin (1977), definindo-se de natureza exploratória e descritiva analítica, de abordagem qualitativa, por ter como finalidade analisar os fatos mediante os aspectos pertinentes ao tema.

A análise de conteúdo, enquanto método “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”. (Bardin, 1977, p. 44)

Deste modo, a pesquisa teve como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada e um formulário criado no Google Drive, com três perguntas abertas. Nos instrumentos, as professoras puderam expor sobre o tema, relatando como vivenciam a menopausa e sua relação com a educação, possibilitando a inferência de palavras, expressões e textos a serem analisados, sem desprezar os sentimentos e emoções expressados pelas professoras. Segundo Bogdan & Bikten (1994, p. 134) uma entrevista pode ser

[...] utilizada para recolher dados da linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.

A pesquisa teve como objetivo geral refletir sobre o pensar, o agir e o fazer pedagógico de professoras da Educação de Jovens e Adultos durante o período da menopausa frente às possíveis alterações da prática docente em sala de aula.

Definiram-se ainda os objetivos específicos, considerando as questões a serem respondidas no trabalho, deste modo: Como as professoras da Educação de Jovens e Adultos interpretam a menopausa?; Identificar a concepção das professoras da EJA em relação à menopausa; Determinar a interpretação feita pelas docentes da EJA sobre a menopausa; O que sentem, o que pensam e como agem?; Identificar se as professoras da EJA, que estão na menopausa, sentem que as mudanças e/ou sintomas, específicos desta fase interferem no seu pensar, agir e fazer pedagógico; Verificar como as professoras da EJA pensam e agem em relação à menopausa; As mudanças ocorridas e os sintomas sentidos na menopausa interferem no seu fazer pedagógico? Relacionar as mudanças biológicas e psíquicas das docentes as alterações da prática pedagógica em sala de aula; Discutir se as

mudanças ocorridas e sintomas sentidos na menopausa interferem no fazer pedagógico.

A pesquisa foi realizada com três professoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de duas escolas da rede municipal de ensino, localizadas no bairro de Mangabeira⁴. A primeira professora entrevistada tem 49 anos de idade e leciona há 10 anos; a segunda professora tem 53 anos e está há 20 anos no exercício da docência, e a terceira 57 anos e leciona há 28 anos. Deste modo, atendemos os critérios de entrevistar professoras em idade de menopausa e climatério e inseridas no âmbito escolar.

As professoras serão identificadas na pesquisa pelas letras A, B, C e suas respectivas idades, deste modo: Professora A, de 49 anos; Professora B, de 53 anos; e Professora C, de 57 anos.

As duas entrevistas foram realizadas pessoalmente, com professoras da EJA em uma escola da rede municipal de ensino, no dia 12 de fevereiro. A primeira entrevista iniciou-se às 20h06 e teve duração de 14min; a segunda teve início às 20h30, com duração de 17min. Já a terceira professora respondeu a um questionário, com as mesmas questões abertas utilizadas nas entrevistas com as demais, o questionário foi disponibilizado online (Google) por meio de um link. Este, foi enviado para a professora no dia 12 de fevereiro, mesmo dia em que foi realizada as entrevistas com as demais, porém devido ao carnaval só obtivemos a resposta no dia 27 de fevereiro de 2020.

Com o intuito de entrevistar outras docentes, o link foi disponibilizado por meio de uma das professoras entrevistadas no grupo “Unidas pelo calor”, formado por professoras que estão no climatério e que discutem sobre o tema. Apesar disso, as professoras que preencheram não atendiam ao critério de lecionarem na Educação de Jovens e Adultos, deste modo suas respostas não foram consideradas nesse estudo.

Diante da disponibilidade do instrumento, surge-nos uma indagação: Será que as professoras dos diferentes níveis da educação básica podem perceber a menopausa de forma diferenciada, relacionando ou não os sintomas do climatério como um fator de interferência no seu fazer pedagógico, visto que nas etapas educacionais em que estão inseridas mudam-se os sujeitos, os desafios, a rotina

⁴ Não se identificou os nomes das professoras entrevistadas, assim como das escolas, obedecendo ao critério ético, como forma de preservar as imagens das mesmas.

escolar, ambiente escolar, a infraestrutura e a posição sociocultural destas profissionais?

Categorizar por meio das etapas da educação, como sentem e agem as professoras na menopausa e mediante os sintomas do climatério, surge como um possível foco de pesquisa futura, possibilitando que se continue estudando e ampliando as discussões acerca do tema.

4.1. A estrutura da pesquisa e estratégia para se chegar aos resultados

Como já foi exposto anteriormente, a estrutura de entrevista pensada para essa pesquisa nasceu como forma de responder às seguintes perguntas: Como as professoras da Educação de Jovens e Adultos interpretam a menopausa? O que pensam, o que sentem e como agem nesta fase de suas vidas? As mudanças ocorridas e os sintomas sentidos na menopausa interferem no seu fazer pedagógico?

Nessa perspectiva, as questões elaboradas procuraram levar as professoras a pensarem sobre o tema. Buscou-se criar uma relação entre os verbos pensar, sentir e agir com as respectivas perguntas, para se atingir aos objetivos desejados.

A primeira pergunta foi elaborada como forma de identificar as profissionais que estavam na fase da menopausa ou climatério, portanto foi perguntado a cada professora: “Você já está na menopausa ou climatério?”. Dando continuidade e buscando determinar a interpretação feita pelas docentes da EJA sobre a temática, perguntamos: “Diante, do que você vivencia ou vivenciou como conceitua essa fase da vida das mulheres?”.

Utilizou-se nessa primeira estrutura de perguntas o pensamento de que as professoras, ao serem questionadas sobre a menopausa e seus sintomas, e ao perguntar a elas sobre: como elas vivenciam esta fase de suas vidas, trariam em suas respostas aspectos positivos ou negativos dessa fase, o que sabem a respeito dela e como as enxergam, como conceituam, ou seja, o que pensam a cerca do tema.

Na segunda pergunta buscou-se identificar o que sentem as professoras quando estas entram em processo de menopausa, verificando quais são as mudanças que estas percebem como sendo proeminente desta fase. Deste modo,

buscando essa compreensão por meio dos sintomas por elas citados, perguntou-se: Você sofreu alguma mudança física e/ou psíquica? Sentiu algum sintoma? Quais?

A pergunta foi utilizada por acreditar que nesse momento algumas professoras poderiam perceber os sintomas da menopausa como causadores de mudanças em suas vidas, os quais poderiam não ter sido associados ainda devido as suas tarefas diárias, e, em se tratando de uma profissional da educação, profissão de cunho intelectual que pode gerar desgaste físico e mental.

Já a terceira pergunta traz o arremate da pesquisa, costurando seus dois primeiros momentos e dando um foco na educação. Visto que a professora neste momento deveria pensar como vivenciou ou está vivenciando a menopausa, buscar na memória os sintomas sentidos e refletindo se estes interferem na sua prática diária. Deste modo foram perguntadas às professoras: Essas mudanças e sintomas sentidos modificaram de alguma forma sua prática docente na sala de aula? Se sim, como?

Na terceira pergunta buscou-se discutir refletindo se as mudanças ocorridas e sintomas sentidos na menopausa interferem no fazer pedagógico das professoras, além de relacionar as mudanças biológicas e psíquicas das docentes as alterações da sua prática pedagógica na sala de aula.

A análise dos relatos foi iniciada por meio da leitura flutuante, que, segundo Bardin (1977), consiste no primeiro contato com os documentos a serem analisados, deixando-se invadir por impressões e orientações.

Deste modo, foram ouvidas várias vezes as entrevistas que foram gravadas, transcorridas na íntegra as partes em que as professoras se detiveram a responder as perguntas, eliminando conversas aleatórias que porventura surgiram durante da pesquisa, deixando apenas o que interessava e que podia ser considerado enquanto resposta.

Do mesmo modo foram coletadas as respostas do formulário *online*, transcritas na íntegra e depois selecionadas as partes a serem analisadas.

4.2. Análise dos dados

O climatério é uma fase natural da vida das mulheres, na qual muitas passam por ela sem queixas, inclusive sem fazerem uso de medicamentos, já outras têm sintomas que variam na sua diversidade e intensidade. (GONÇALVES, 2012)

Durante a pesquisa poderia ser que as professoras entrevistadas afirmassem que passaram ou estivessem passando pelo climatério sem queixas, o que consequentemente implicaria em não enxergarem mudanças significativas em suas vidas ao ponto de assumirem que estas interferiam no magistério, na sua prática diária da sala de aula.

Em uma perspectiva inversa, as professoras que apresentam no climatério diversos sintomas, ou mesmo poucos sintomas, mas com maior intensidade, poderiam de certo modo percebê-los enquanto aspectos negativos. Deste modo, podendo interferir na sua docência de alguma maneira, possibilitando que se revele nessa pesquisa.

Afirmamos ainda que durante a pesquisa as professoras poderiam, naquele momento, perceber sintomas do climatério, antes não associado a este, mas segundo as mesmas considerados como frutos de mudanças na prática docente.

Das três professoras entrevistadas, ao perguntar se já estavam na menopausa, duas afirmaram que sim, apenas uma apresentou dúvida no momento para se perceber como uma mulher que já estava entrando na menopausa. Deste modo, buscaremos primeiro analisar as resposta dela separadamente, para depois trazer as análises das demais.

Aos 49 anos, a professora (A) não respondeu diretamente que sim, mas frisou franzindo a testa: “Acho que estou, pois tenho menstruação irregular, mas não tenho fogachos.”

O MAMC/M (2008), compreende a menopausa como um processo de transição entre o período reprodutivo da mulher e o não reprodutivo. Corresponde ao último ciclo menstrual, somente estabelecida após 12 meses de sua interrupção, e geralmente acontece em torno dos 48 anos aos 50 anos de idade.

O MAMC/M (2008), afirma que os fogachos, muito conhecidos pelas mulheres como as “*ondas de calor*”, constitui-se enquanto sintoma mais comum entre as mulheres ocidentais e pode ocorrer em qualquer fase do climatério, até mesmo dentro da menopausa.

Ainda sobre os fogachos a professora (A, 49 anos) acrescentou:

Eu fico esperando dar esse calor que o povo fala: - Ah! Ah!, depois se abana, aí depois tem frio, aí eu digo não tem isso comigo não, agora se eu estou em movimento, eu cuido de mamãe, eu dou banho nela, visto a roupa, aí eu fico (se abanando) morrendo, aí eu penso,

será que é esse isso? *Não é quentura mesmo, né? Porque eu fico esperando que esse calorão, esse calor todo eu quieta, porque outro dia eu estava com uma amiga minha aí ela (faz gesto de abanando-se), aí depois ela pegou o papel e (gesto de leque se abanando) morrendo! E aí eu disse: - O que é isso? E ela: - Calma que depois passa. Pronto aí eu fico esperando que do jeito que acontece numa atividade que aconteça o quentinho também né? Mas, ainda não, só a irregularidade da menstruação.*

(Professora A, 49 anos, em 12/03/2020)

Observa-se na fala da professora a vivência de um processo de negação, buscando justificar por meio da falta dos fogachos, não ser uma professora climatérica, ora assumindo que está em processo de menopausa, pela falta da menstruação, ora afirmando conhecer os sintomas, mas fazendo questão de frisar que não os reconhece como seus ainda.

É importante informarmos que durante os questionamentos levantados acima a professora gesticulava, colocava a mão no queixo, arregalava os olhos, parecendo estar em um processo de busca na memória sobre ter sentidos as ondas de calor ou não, ser normal o que sentia ou não, ser referente ao climatério ou não.

Deste modo, já na nossa primeira entrevista foi comprovada nossa terceira hipótese, de que a percepção de ser uma professora climatérica poderia acontecer no ato das respostas às questões abertas, visto que essas levariam a professora a relembrar como tem sido essa fase de sua vida e o que tem sentido, enxergando as mudanças ocorridas.

Percebeu-se ainda que a professora tem dificuldade de identificar se o calor sentido por ela é referente à menopausa, devido nossa região considerada tropical. No verão – estação atual –, o calor é intenso, com diminuição de ventos e aumento da sensação térmica, sendo fatores que contribuem para que as mulheres confundam ou tenham dúvidas de sentirem os fogachos.

4.2.1. Conceituação das professoras sobre a menopausa e o climatério

Nessa primeira parte da pesquisa, buscou-se primeiramente identificar e verificar se as professoras entrevistadas estariam na fase da menopausa ou climatério, por meio da seguinte pergunta: Você já está na menopausa ou climatério? Em seguida, perguntamos às mesmas: Diante, do que você vivencia ou vivenciou como conceitua essa fase de suas vidas?

As perguntas foram elaboradas com objetivo de determinar uma conceituação do tema, por meio do que pensam as professoras sobre a fase da menopausa e o climatério a partir da vivência de cada uma.

4.2.2. “Uma fase de liberdade”

Para Vital *apud* (Costa, Gualda, 2008), as mulheres são sujeitos socioculturais e em decorrência de suas interações com o mundo podem apresentar modos distintos de pensar, sentir, agir e interpretar a menopausa.

Nesta perspectiva, algumas mulheres podem vivenciar essa fase enxergando-a sob um ponto de vista positivo, como foi o caso da professora A, de 49 anos:

“De liberdade, pois não vai engravidar mais”
(Professora A, 49 anos)

Conforme o MAMC/M (2008), o climatério, por não ser uma doença, pode apresentar-se de forma diferenciada para as mulheres, sendo uma fase de perdas e ganhos, na qual as mulheres podem sentir-se mais livres com novas liberdades, assim como, vivenciarem novas limitações.

Enxergar a menopausa sob o ponto de vista positivo ajuda a diminuir o tabu de que as mulheres nessa fase tornam-se assexuadas. Segundo o MAMC/M (2008), algumas mulheres podem sentir diminuição da libido, enquanto outras “uma liberação do desejo e o exercício de uma sexualidade menos conflituosa”.

É interessante ressaltar que a professora A pontuou também um aspecto negativo da menopausa, afirmando que “provoca osteoporose e depressão por causa dos hormônios”.

O conhecimento de que nesse período a mulher está mais propensa a desenvolver doenças, devido às alterações hormonais e ao seu biológico, pode ser visto ainda de um prisma positivo, pois, ao ter conhecimento, ela pode se cuidar de forma preventiva, evitando tais doenças.

4.2.3. “Uma fase de dificuldades”

Gonçalves (2012), afirma que o climatério vem a ser mais que um marco temporal na vida das mulheres, apresentando sinais e sintomas específicos, caracterizando-se enquanto uma síndrome.

Habel (2000), reforça o pensamento de Gonçalves quando afirma que a síndrome do climatério compreende um conjunto de sintomas e sinais, os quais podem prejudicar o bem-estar da mulher.

Para Mendonça (2004), o climatério é definido como “período crítico da vida”, demonstrando que esta fase muitas vezes é passada com dificuldades pelas mulheres, precisando de atenção e cuidados.

Uma fase cheia de dificuldades, dúvidas, angústias, mistura de sentimentos, de situações diferentes do que estamos acostumadas a viver e que na maioria das vezes não somos compreendidas.

(Professora C, 57 anos)

Observa-se na colocação, que a professora utiliza a expressão “*cheia de dificuldades*” para explicar a amplitude dos sintomas, em conformidade com os autores, por se caracterizar enquanto uma síndrome e que podem afetar a vida das mulheres de diferentes formas.

A professora C, destaca ainda que as dificuldades presentes no climatério colaboram para que as mulheres sejam mal interpretadas, ao afirmar que “na maioria das vezes não somos compreendidas”, deixando transparecer que o desconhecimento acerca do tema permite que haja uma falta de sensibilidade com as mulheres climatéricas.

4.2.4. “Uma fase de mudanças”

Segundo Gonçalves (2014), o climatério pode ser considerado como uma fase cheia de alterações e mudanças, onde as mulheres podem culpar as alterações hormonais por tudo que lhes aflige, por ser um período crítico e poder ocasionar tensões.

Freitas (2004), afirma que o climatério pode afetar as mulheres de diferentes modos, repercutindo nos seus sentimentos e qualidade de vida, devido a fatores particulares, psíquicos, culturais, costumes, ambiente, família, entre outros.

Para a professora B, de 53 anos o climatério apresenta-se como uma fase caracterizada por mais mudanças psicológicas do que físicas.

Sim, nem tanto física é mais psicológica, [...] eu sei que nunca fui muito paciente, eu sempre fui muito é, ativista, muito para frente, é, e agora eu estou me sentindo assim, muito assim, menos produtiva, mais lenta, e assim, é, e há dois anos com ansiedade.

(Professora B, 53 anos)

A professora B afirmou que mudanças psicológicas ocasionadas nessa fase de sua vida vêm tornando-a uma pessoa diferente do que era antes, uma pessoa “ativista, muito para frente”, e agora “menos produtiva, mais lenta, e assim, é, e há dois anos com ansiedade”.

As mudanças que a professora aponta como oriundas dessa fase de sua vida são fatores que podem interferir na docência, visto que as professoras são cobradas nas suas práticas diárias de sala de aula da EJA de terem uma postura produtiva, dinâmica e dialógica.

4.2.5. Breves considerações das conceituações

Observou-se por meio da pesquisa que as professoras sentem e interpretam a menopausa de formas distintas, podendo ser enxergada de forma positiva ou negativa em suas vidas, porém prevalecendo os aspectos negativos.

A professora A, de 49 anos, conceituou positivamente a menopausa como sendo uma “fase de liberdade”, o fato de não mais menstruar e conseqüentemente viver uma vida de mais liberdade sexual, pode trazer para as professoras uma leveza, por não mais se preocuparem com a menstruação e em engravidar.

O conceito de liberdade pode gerar nas mulheres mudanças positivas, buscando novas experiências com mais prazer de viver, podendo refletir na docência, com aulas mais espontâneas.

A professora B, de 53 anos, conceitua como uma fase de mudanças, prevalecendo as psíquicas, as quais vêm modificando seu ritmo de vida. Deste

modo, podendo modificar também sua prática pedagógica, pois qualquer profissional precisa estar equilibrado para poder desenvolver suas atividades laborais. Portanto, essa fase requer uma postura profissional reflexiva, buscando vencer os desafios dessa fase e da profissão, com ânimo e coragem.

A professora C, de 57 anos, conceitua a menopausa como uma fase com muitas dificuldades, mistura de sentimentos e momentos de incompreensão, na qual as mulheres as vezes têm dúvidas do que está acontecendo com elas e como devem proceder para serem compreendidas.

Podemos afirmar a partir das colocações da professora que ela vive um momento de incerteza, no qual, ao vivenciar os sintomas da menopausa, vai descobrindo como agir, inclusive na sala de aula, com seus alunos, e frente aos desafios da profissão.

4.3. Sintomas do climatério sentidos pelas professoras

O que sentem as professoras climatéricas? Buscamos identificar o que sentem essas profissionais por meio dos sintomas. Afinal são eles que nos dá sinais quando começamos a sentir algo e investigamos para saber o que está acontecendo, se estamos doentes ou não, se está tudo bem com nossa saúde ou precisamos nos cuidar mais.

Segundo a FEBRASGO (2010), o climatério e a menopausa são considerados eventos fisiológicos da biologia feminina, porém o aparecimento de sintomas nessa fase vai depender de fatores socioeconômicos, não se restringindo às variações hormonais. Para o referido órgão, nesse período pode ocorrer:

Alterações na fisiologia da mulher, caracterizadas por alterações hormonais (diminuição dos níveis de estradiol, progesterona e aumento das gonadotrofinas hipofisárias); modificações funcionais (disfunções menstruais, sintomas vasomotores); modificações morfológicas (atrofia mamária e urogenital, alterações na pele e mucosas) e outras alterações em sistema hormodependentes, como os cardiovasculares e os ossos. (FEBRASGO, 2010, p. 13)

Diante do exposto, buscaremos agora analisar os sintomas relatados pelas professoras entrevistadas. Por ser uma pesquisa da educação, nossa intenção é

apenas de identificar os sintomas como forma de refletir o que sentem as professoras no climatério.

Deste modo, perguntamos às professoras se elas sofreram alguma mudança física e/ou psíquica, se sentiram algum sintoma e quais.

Agora eu sei que a gente se irrita muito [...] Existe uma irritabilidade maior do que o normal, se a pessoa já é irritada, lascou!

(Professora A, 49 anos)

A professora A, de 49 anos, não pontou nenhum sintoma físico, afirmando apenas uma “irritabilidade” que extrapola o normal, como um sintoma enxergado a partir da menopausa.

Quando a professora A, de 49 anos, traz: “Agora eu sei que a gente se irrita muito”, esse: “Agora”, quer dizer que neste momento de sua vida sente-se assim. Deste modo, ela percebeu que apesar de não sentir os fogachos, como citou anteriormente, ela sentiu que algo vem mudando em sua vida.

Segundo o Manual de Atenção às Mulheres no Climatério/Menopausa (2008), a irritabilidade ocasionada às mulheres no climatério parte dos fogachos, os quais, por comprometerem o sono das mulheres, às deixam mais fadigadas e irritadas.

A irritação não vem a ser um sintoma que surge sozinho. Segundo o referido órgão, estando associada às ondas de calor, nesse caso, pode-se dizer que o calor sentido pela professora em algum momento possa ser considerado da menopausa. Porém, apenas um profissional da saúde poderá afirmar com certeza depois de uma triagem.

Ainda em relação aos sintomas, a professora A, de 49 anos, afirma não ter sentido até o momento nada relacionado à parte psíquica, mas que devido à sua genética seria fácil ela ter depressão: “Sintoma, sintoma não, mas devido à genética é fácil depressão”, “Psíquica – se cuidar para cuidar dos outros (dançando, viajando). Isso afasta a depressão”.

A professora A, de 49 anos, explicou que para se cuidar da parte psíquica é preciso fazer o que gosta, essa seria a saída para ela para se manter psiquicamente saudável. Falou ainda que, hoje, ela é quem cuida dos pais, que durante toda a vida eles cuidaram dela, mas hoje os papéis se inverteram. Afirmou que se sente

cansada, mas não associa esse cansaço à menopausa, mas sim às tarefas de sua vida, a qual é muito corrida.

Segundo a FEBRASGO (2010), o risco das mulheres terem depressão no climatério é maior. Deste modo, é preciso que as profissionais da educação tenham essa percepção de que é preciso se cuidar fazendo o que gostam para se manterem ativas.

A professora B, ao ser entrevistada acerca dos sintomas sentidos, descreveu-nos:

Os sintomas que começa assim: nas costas começa a pinicar uns ferrolhos, uns pinicões assim, como se fosse alguém furando assim, aí vem para essa região aqui do pescoço nas costas, aí o suor pinga e aí dá aquela moleza bem mole mesmo, aí você fica sem ar, falta de paciência, é assim, aí é que por isso eu acho que agora não tem nada de depressão.

(Professora B, 53 anos)

Observou-se nas falas e gesticulações feitas pela professora no momento em que descreveu os sintomas, a percepção de que o climatério pode apresentar sintomas próximos ao da depressão.

Os sintomas acima citados pela professora B podem ser dos fogachos, popularmente conhecidos pelas mulheres no climatério como “ondas de calor”.

Ao contrário da ideia que o nome nos passa, de ser apenas ondas de calor, os fogachos vêm, na maioria das vezes acompanhado de “palpitação e mais raramente de sensação de desfalecimento gerando desconforto e mal-estar”. (BRASIL, MAMC/M, 2008, p. 34 e 35)

O desconhecimento dos sintomas da menopausa tem levado muitas mulheres a aceitarem que estão em depressão. Como vemos, essa situação já chegou até as escolas, sendo motivo de preocupação uma vez que ao transformarem os sintomas do climatério em doença, nossas profissionais têm sido retiradas da sala de aula. Como relatou a professora ter entrado com pedido de afastamento três vezes no mesmo ano.

Na fala abaixo, se percebe que a professora desconhecia que os sintomas dos fogachos vão além do calor:

Meu psiquiatra precisa saber é que tem tanto esse calor, acho que estou tomando remédio sem necessidade, remédio controlado.

(Professora B, 53 anos)

Não podemos afirmar que a professora não está depressiva, pois como se sabe e já foi citado anteriormente, nesse período há uma maior propensão das mulheres entrarem em depressão, devido às oscilações hormonais.

Vale salientar que o referido manual que orienta os profissionais da saúde, afirma que os médicos muitas vezes vêm tomando uma conduta precipitada, por não ouvirem as mulheres nas suas consultas, chegando a diagnosticá-las com depressão, sem estarem.

Na tentativa de combater um certo mal-estar físico e psicológico, característico e passageiro desse momento da vida, muitos médicos transformam as queixas ouvidas nas consultas ginecológicas em uma doença, cujo tratamento passa a ser obrigatoriamente à base de hormônios e antidepressivos, perdendo a oportunidade de uma abordagem integral voltada a promoção da saúde. (BRASIL, MAMC/M, 2008, p. 22 e 23)

Essa constatação em relação à professora (B, 53 anos), embora seja bastante triste encontrar uma profissional da educação, principalmente da EJA, nesse estado, nos faz acreditar que estamos no caminho certo. Precisamos levar para as escolas rodas de diálogos, projetos que contemplem a temática e orientam as professoras a se cuidarem e conhecerem os sintomas do climatério, gerando bem-estar e permitindo a permanência delas em sala de aula.

Já a professora C, afirmou sentir sintomas físicos e psíquicos:

Com certeza, tanto física como psíquica como: aumento de peso, pele e cabelo ressecado, falta de libido, nervosismo, sono irregular, angústia, ondas de calor, vontade de chorar sem motivos, dores de cabeça, ...

(Professora C, 57 anos)

A professora destaca mais uma vez as “ondas de calor”, observando que juntamente com esse sintoma ela traz outros ligados às mudanças psicológicas dessa fase, como: falta de libido, nervosismo, sono irregular, angústia e vontade de chorar sem motivos.

Vale salientar ainda que os sintomas físicos – aumento de peso e pele e cabelo ressecados – apresentados pela professora C podem interferir na sua autoestima, uma vez que a mulheres são mais cobradas de seguirem um padrão de beleza que os homens.

4.3.1. Breves considerações sobre os sintomas sentidos pelas professoras

Identificando os sintomas citados pelas professoras climatéricas entrevistadas, temos: Irritação; fogachos (2); aumento de peso; pele e cabelos ressecados; falta da libido; nervosismo; sono irregular; angústias; vontade de chorar sem motivos; e dores de cabeça.

Observou-se que as professoras entrevistadas apresentaram mais sintomas psíquicos que físicos, sendo estes últimos citados apenas pela última professora (C, 57 anos).

Os fogachos foi o sintoma mais citados entre as professoras, percebendo-se que embora tenha sido trazido nas falas das três entrevistadas, predominava o desconhecimento dos sintomas que os acompanha, chegando a ser confundido inclusive pelos sintomas da depressão por uma delas.

Podemos afirmar, por meio dos sintomas citados pelas professoras, que a menopausa tem se caracterizado enquanto fase em que as professoras se sentem mais abaladas psicologicamente, com sintomas que vão desde pequenos descontroles emocionais, à quadros de afastamento da sala de aula, se constituindo como motivos de preocupação e que podem interferir na prática pedagógica.

A “irritação maior do que o normal” afirmada pela professora A, de 49 anos, é um sintoma que foi apontado por uma professora que está na primeira fase da menopausa. Como se sabe, é imprescindível que uma professora se mantenha calma, sendo paciente na sala de aula. Deste modo sendo de suma importância controlar os momentos de *irritabilidade* causados pela menopausa, o que nos leva a perceber a importância das professoras se cuidarem o quanto antes.

É interessante reconhecermos que na Educação de Jovens e Adultos existe uma predominância de mulheres (alunas e professoras) adultas e idosas, as quais vão passar pela menopausa, precisando ser cuidadas, em consonância com o que orienta o MAMC/M (2008). Sendo escutada, acolhida e encaminhada para as

unidades de saúde, e das DCNs/EJA (2013), reconhecendo que o cuidado também deve existir em toda educação básica, inclusive na EJA.

Mas como cuidarmos das mulheres inseridas na Educação de Jovens e Adultos?

Buscando unir as duas políticas públicas destinadas às mulheres, que já se constituíram enquanto direito: a educação e a saúde. Deste modo, a escola deve buscar na saúde os subsídios necessários para o entendimento da temática, solicitando palestras, rodas de diálogos, as quais devem informar, orientar e ao mesmo tempo encaminhar as mulheres para as unidades de saúde. De preferência, àquelas que trabalham com as práticas integrativas e complementares.

Além, das professoras da EJA adotarem uma postura dialógica, estabelecendo por meio do diálogo a confiança entre docentes e alunas, permitindo que temas sobre a saúde da mulher sejam trazidos para a sala de aula sem causar constrangimento e possibilitando o cuidado para com essas mulheres.

4.4. Os sintomas de climatério têm interferido na docência?

Nessas últimas análises foi feita uma reflexão por meio das respostas das professoras, buscando relacionar se as elas enxergam as mudanças biológicas e psíquicas, assim como os sintomas da menopausa, interferem na sua prática diária. Deste modo perguntamos: Essas mudanças e sintomas sentidos modificaram de alguma forma sua prática docente na sala de aula? Se sim, como?

Em resposta a professora A, de 49 anos, afirmou:

Fuji da sala de aula do ensino fundamental I (passei 16 anos com o fundamental I). Hoje estou na EJA há 10 anos, com a EJA não me sinto irritada.

(Professora A, 49 anos)

A professora retoma ao sintoma da irritabilidade, afirmado anteriormente. Agora associado à prática docente, não mais associado aos sintomas da menopausa.

Como foi percebido anteriormente na fala da professora, ela ainda está se percebendo enquanto uma mulher climatérica, descobrindo quais são os sintomas.

Pois ora coloca com altivez que a irritabilidade venha a ser um sintoma da menopausa, ora não.

A professora A, de 49 anos, afirmou ainda que leciona no ciclo II, da EJA, e que para ela é tranquilo, não chegando a se irritar, mas reconhece não ter a mesma paciência de quando começou a ensinar, portanto, não considera a irritação sendo oriunda na menopausa, mas sim por ela está no final da carreira.

Em outro momento da entrevista a professora A deixou claro não ter mais paciência com as crianças.

Agora eu sei que a gente se irrita muito, se eu tivesse com um menino agora, metia o cascudo, coitado!.

(Professora A, 49 anos)

Percebe-se que a professora A, ao falar menino, se referia a ser mãe, a ter um filho pequeno, mas que poderia ser também ao fato dela não ter mais paciência em lecionar no ao fundamental I, como afirmou anteriormente: “passei 16 anos com o fundamental I” e completa “com a EJA não me sinto irritada”.

Deste modo, percebe-se que mesmo sentindo um sintoma que afirma ser da menopausa, a professora não modifica seu modo de pensar, associando a ideia de que o ambiente escolar pode contribuir para um profissional estressado e irritado. Segundo Carneiro (2014), vários fatores podem contribuir para o estresse no ambiente escolar, especialmente para os professores do ensino fundamental, sendo o comportamento e a falta de interesse pelos estudos dos alunos os que mais contribuem, seguidos do excesso de tarefas desempenhadas pelo professor e falhas da gestão escolar.

Sabemos que não temos como medir se parte dessa irritação é da prática docente ou da menopausa, ou pelos dois motivos. Mas, percebe-se que, o mais importante nesse momento, é esse movimento que a professora faz em buscar na memória de onde vem esse sintoma, se é da menopausa ou da rotina diária da sala de aula. Esta retomada permite que ela reflita sobre si, sobre essa fase, e, conseqüentemente, passa a se conhecer melhor para enfrentar os desafios da vida.

Ao perguntarmos a professora B, de 53 anos, se os sintomas sentidos por ela interferiam na sua prática docente, foram relatados alguns problemas que vinha

passando na escola, pontou os desafios que os profissionais da EJA enfrentam na escola e só depois falou sobre a interferência.

É uma situação que mexe, você já não está bem fisicamente. Você está com seus hormônios, sabe né debilitado e isso vai, vou deixando, estou muito à frente não, estou fazendo o que eu posso dentro dessa condição, mas claro que muitos problemas e isso tem afetado né na minha prática né, em outros momentos eu enfrentaria, mas não estou bem, então eu recuo, até para me poupar né?

(Professora B, 53 anos)

Percebe-se nas falas da professora B, a afirmação de que as alterações hormonais têm contribuído para que ela não enfrente os problemas encontrados na prática diária da sala de aula como antes; que sua postura vem sendo se modificando; e que antes era de enfrentar, agora é de recuar frente aos desafios e com a intenção de se poupar, ou seja, apresentando um processo de desmotivação em relação à docência.

Em outro momento da entrevista, a professora B, de 53 anos, afirmou ainda sentir falta de memória:

“E tem essa questão da memória”

(Professora B, 53 anos)

A falta de memória pode ser um dos sintomas da menopausa. Segundo a FEBRASCO (2010), pode aparecer logo nas primeiras fases da menopausa, e, como bem sabemos, se constitui enquanto sintoma que pode interferir na prática diária, visto que a professora exerce um trabalho intelectual, que requer muita leitura, concentração e memória.

Ao entrevistar a terceira professora e perguntar se as mudanças e sintomas modificaram de alguma forma sua prática docente na sala de aula, respondeu:

Mudou sim, no que se refere a falta de paciência com os alunos e os colegas de trabalhos além de falta de disposição para trabalhar.

(Professora C, 57 anos)

Observa-se por meio das colocações das professoras acima, o apontamento de que a falta de paciência e de disposição tem mudado seu jeito de agir com

relação aos alunos e aos colegas de trabalho. Portanto, podendo ser considerada um fator de interferência na prática pedagógica da sala de aula.

A questão da falta de paciência novamente aparece como um dos sintomas de interferência na docência, apontado anteriormente pela professora A, que afirmou estar mais irritada depois da menopausa, conseqüentemente menos paciente.

Percebeu-se ainda que ambas as professoras afirmam ter falta de paciência com os alunos, sendo colocado pela professora A, relacionada a falta de paciência com as crianças do fundamental I, enquanto que a professora C, afirma ter menos paciência com os da EJA. O que descaracteriza a ideia de que a EJA requer menos paciência, por se tratar do ensino com jovens e adultos, ou que se precisa de mais paciência para trabalhar com crianças.

Em relação à falta de disposição apontada na segunda citação por uma das professoras, podemos traduzi-la como fadiga, um dos sintomas da menopausa. Tal sintoma, já observado por Cau-Barrelle (2014) em sua pesquisa **“Estratégias de trabalho e dificuldades dos professores em fim de carreira: Elementos para uma abordagem sob o prisma do gênero”**, na qual a pesquisadora afirma que as mulheres parecem sentir uma fadiga mais intensa, sendo a menopausa e o acúmulo de atividades profissionais ao longo da vida e a gestão da família a responsável.

4.4.1. Fechamento das análises sobre as interferências do climatério na docência

Por meio da pesquisa concluiu-se que as professoras (A, de 49 anos; B, de 53 anos e C, de 57 anos) perceberam sintomas da menopausa, os quais podem interferir na docência.

A professora A juntamente com a professora C, destacaram a falta de paciência como sintoma que se intensificou com a entrada delas na menopausa, interferindo nas suas práticas pedagógicas, visto que a primeira ficou menos paciente com as crianças e a segunda com os alunos da EJA e os colegas de trabalho.

A disposição para trabalhar foi outro sintoma percebido pelas professoras B e C, o qual pode interferir na docência de sala de aula, visto que todo profissional precisa estar motivado, com disposição para realizar suas atividades, principalmente quando se trata de um trabalho intelectual, como é o das professoras.

É importante levar em consideração que a pesquisa foi realizada com profissionais da educação, e que o ambiente escolar colabora por meio dos problemas e desafios diários enfrentados na sala de aula para que as professoras que estão no climatério sejam testadas física e psicologicamente, e que pode contribuir ou não para a intensificação dos sintomas.

Percebeu-se que a pesquisa realizada na escola, permitiu que duas professoras entrevistadas (A, de 49 anos e B, de 53 anos) fizesse um movimento reflexivo, onde puderam questionar se os sintomas seriam de fato da menopausa ou da prática diária da sala de aula, levando-nos a crer que a partir dessa experiência estas professoras estarão mais atentas aos sintomas dessa fase, se de fato são dela e se interferem na docência.

Observou-se a partir de suas vivências na fase da menopausa, que as professoras sentem e conceituam-na de formas distintas, prevalecendo aspectos negativos, sendo, portanto, conceituadas enquanto: “Uma fase de liberdade”, “Uma fase de mudanças” e “Uma fase de dificuldades”.

A partir das conceituações afirmou-se que as professoras podem, a partir desses conceitos, consequentemente enxergar a vida com liberdade, com mais prazer de viver, refletindo em práticas pedagógicas mais leves, dinâmicas e espontâneas. Mas, também de mudanças, requerendo uma postura profissional reflexiva, buscando vencer as dificuldades, além de encará-la como desafio dessa fase e da profissão, com ânimo e coragem.

Por meio da pesquisa, comprovou-se que na EJA temos professoras que devido às alterações hormonais da menopausa já apresentam sintomas que interferem na sua prática diária de sala de aula. Vale salientar ainda que o MAMC/M (2008) preconiza o diálogo como peça fundamental para se entender pelo que cada mulher está passando, sendo, portanto, necessário uma equipe de profissionais para cuidar dessas mulheres, visto que estas estão mais propícias a adoecer.

O MAMC/M (2008), sugere que as mulheres no climatério participem de práticas integrativas complementares de saúde em grupo de apoio psicológicos, meditação, ioga, automassagem, etc.

Diante do exposto, é importante que a escola reconheça que não há como cuidar dessas mulheres sozinha, e que, não é só as retirando da sala de aula que se resolve o problema. É preciso que se tenha pesquisas no tema e interesse da escola em solicitar profissionais da saúde para discutir o tema e construir projetos em

parceria com a secretaria de saúde municipal, ou seja, da construção de políticas públicas para as mulheres que garantam esses cuidados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer a temática da menopausa para ser discutida na Educação de Jovens e Adultos, por meio do meu Trabalho de Conclusão de Curso, é acreditar em uma educação onde se reconhece os sujeitos como seres inacabados, como afirma Freire (2005), portanto, sendo passíveis de atenção em cada fase de suas vidas.

É no final da fase adulta que a menopausa acontece, com seus sintomas que muitas vezes não são entendidos por quem sente, pela escola e pela família, modificando hábitos e transformando vidas, experiências que podem ser trocadas gerando aprendizagem se bem conduzida numa sala de aula. E por quê não?

As mulheres ainda são maioria na educação e os sintomas da menopausa podem durar por anos, levando o mesmo tempo ou mais que uma aluna da EJA teria de aprender a ler e escrever. E se estes sintomas interferem na vida das mulheres, não irão interferir também na sua aprendizagem?

Essa é uma questão levantada apenas para entendimento da necessidade do estudo da temática ligada à educação, nesse trabalho nosso foco maior foi na menopausa e seus sintomas, buscando refletir se suas mudanças e/ou sintomas interferem no pensar, sentir e fazer pedagógico das professoras.

O estudo nasce numa perspectiva de políticas públicas para as mulheres, buscando o reconhecimento de que as mulheres climatéricas precisam de iniciativas governamentais mais próximas, com garantias de que vão ser cuidadas, especialmente as professoras, com ações que pontuais dentro das escolas: projetos, palestras e rodas de diálogo. Em reconhecimento do engajamento dessas profissionais na luta para melhoria de vida de outras mulheres por meio da educação, portanto não podendo ser esquecidas pela gestão escolar nessa fase de suas vidas.

Identificar os sintomas, entender as mulheres nessa fase e cuidá-las tornar-se uma missão possível quando a educação reconhecer que é preciso trabalhar junto com a saúde, dialogando sobre temas da saúde da mulher e encaminhando-as para uma rede de saúde.

Por meio da pesquisa observou-se que as professoras perceberam a menopausa positivamente conceituada como uma fase “de liberdade”, mas também negativamente como uma fase “de mudanças” e “de dificuldades”.

Tais conceitos, observados a partir da vivência de cada delas nessa fase de suas vidas, podem refletir numa postura de uma profissional que pode: encarar a vida com mais leveza, com prazer de viver, refletindo sua prática com aulas mais espontâneas; mas também enxergando a vida como algo que se modifica, com altos e baixos, buscando o equilíbrio para desenvolver suas atividades; e que devemos buscar superar as dificuldades descobrindo como enfrentar os desafios da profissão nessa fase.

Dentre os sintomas citados, as professoras afirmaram sentir tanto sintomas físicos como psíquicos, prevalecendo os psicológicos, percebidos desde leves descontentamentos, a sintomas que vêm modificando suas práticas em sala de aula, inclusive com afastamento dessas profissionais do seu ambiente de trabalho.

As análises identificaram que a falta de paciência e a desmotivação com o trabalho foram os sintomas sentidos pelas professoras como passíveis de maior interferência na prática pedagógica da sala de aula, visto que todo profissional da educação precisa ter paciência com seus alunos e está motivado para enfrentar os desafios da profissão.

Concluimos que a pesquisa se mostrou satisfatória, atendendo aos seus objetivos, de certo modo, contribuindo para que se discuta a temática da menopausa e climatério, permitindo que as profissionais da educação possam refletir melhor sobre essa fase de suas vidas, buscando os cuidados necessários para enfrentarem com bem-estar.

Diante dos resultados da pesquisa, surgiu-nos algumas inquietações. As professoras já percebem que os sintomas da menopausa interferem na sua prática pedagógica de sala de aula, com mudanças psicológicas, sendo inclusive motivo de afastamento das suas atividades. Com isso, nos perguntamos: a gestão escolar percebe essas mudanças nas professoras climatéricas? O que se tem feito para que estas profissionais continuem na sala de aula? O que se tem feito para que as professoras tenham mais saúde nessa fase da vida? Existe alguma preocupação por parte da gestão em manter as professoras nessa fase de suas vidas em sala de aula?

Outra inquietação que surgiu-nos foi: As alunas da Educação de Jovens e Adultos, quando entram na fase da menopausa percebem que seus sintomas interferem na sua aprendizagem? Se sim, como?

Tais questionamentos surgiram devido a afirmação de umas das professoras em relação à falta da memória, entendendo que este poderia ser um dos motivos possíveis de serem citados por alunas em relação às dificuldades apresentadas por elas em relação à aprendizagem.

Sendo a EJA uma modalidade que atende a esse público – mulheres adultas e idosas –, é de suma importância que se conheça os fatores que dificultam a aprendizagem delas, possibilitando a geração de estratégias e metodologias destinadas a resolver tais problemas.

As questões levantadas acima surgem na perspectiva de dar continuidade ao estudo da temática, buscando ampliar o diálogo com as escolas e as profissionais da educação no tema.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Persona, 1977.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Pragmáticas Estratégicas. **Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa**. 1. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BOGDAN, Robert e Biklen, Sari. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CALLAI, Helena Copetti. O professor e a geografia ensinada nos anos iniciais. In: ALBUQUERQUE, Maria Aldaíza Martins e & FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa. **Formação, Pesquisa e Práticas Docentes: reformas curriculares em questão**. Editora Mídia, 2013.

CARNEIRO, Stania Nagila Vasconcelos. **O nível de estresse do professor do ensino fundamental em escolas em Canindé – Ceará**. Revista de Educação e Ensino. Ano XVI, nº 19 (Jan/Jun. 2014)

CAU-BARELLE, Dominique. **Estratégias de trabalho e dificuldades dos professores em fim de carreira: Elementos para uma abordagem sob o prisma do gênero**. Volume X, nº 1, 2014.

FEBRASGO, Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia. **Manual de Orientação em Climatério**. 1. ed. São Paulo. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Fernando. **Rotina de ginecologia**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MENDONÇA, E. A. P. **Representações médicas e de gênero na promoção da saúde no climatério/menopausa**. Rev. Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro. 2004.

MÓIA, Adriana Aparecida Menosse; CROCE, Marta Lucia. **Da doença docente à readaptação funcional: Sentenças em Busca da Qualidade de Vida?** In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2018. V. 1, (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_gestao_uem_adrianaaparacidamenosse.pdf - Acesso em: 03/02/2020. ISBN 978-85-8015-093-3

NAMS, The North American Menopause Society. **Guia da Menopausa**. Traduzido por: SOBRAC, Associação Brasileira do Climatério. 7. ed. São Paulo. 2013.

REIS, Carolina Vieira dos; FONSECA, Silvana Aparecida Sales da. **A desvalorização dos professores no Brasil**. 2018. 83 p. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade Calafiori.

SILVA, Gabriele. **Confira o ranking das profissões mais estressantes**. E+B Educação. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/carreira/confira-o-ranking-das-profissoes-mais-estressantes>. Acesso em 19-10-2019.

TEIXEIRA, Larissa. **66% dos professores já precisaram se afastar por problemas de saúde**. Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteúdo/12302/pesquisa-indica-que-66-dos-professores-já-precisaram-se-afastar-devido-a-problemas-de-saude>. Acesso em 04-01-2020 às 17h03min.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **REPENSAR A EDUCAÇÃO: rumo a um bem comum mundial?** 1. ed. Brasília: UNESCO Brasil, 2016.

VIDAL, Cláudia Rejane Pinheiro Maciel. **MULHERES NO CLIMATÉRIO: Desconhecimento, relacionamentos e estratégias**. 2009. 102 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Cuidados Clínicos em Saúde) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

ANEXO**ENTREVISTA APLICADA COM PROFESSORAS CLIMATÉRICAS DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, DA REDE MUNICIPAL
DE JOÃO PESSOA**

Solicito a autorização para realizar uma pesquisa de campo para conclusão do curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba, destinada às professoras da Educação de Jovens e Adultos que estão na fase da menopausa ou climatério, com objetivo de analisar suas colocações a cerca do tema, seus reflexos e interferência na docência.

A referida pesquisa é de cunho exclusivamente acadêmico, deste modo, nos comprometemos em garantir o anonimato do informante.

1. Identificação:

- a) Nome: _____
- b) Idade: _____ Série que leciona: _____
- c) Quanto tempo leciona na Educação de Jovens e Adultos? _____
- d) Escola(s) onde trabalha: _____
- e) Quantidade de alunos com quem trabalha: _____

2. Conhecimento sobre climatério e menopausa

2.1. Você já está na menopausa ou climatério? Diante, do que você vivencia ou vivenciou como conceitua essa fase da vida das mulheres? _____

_____.

2.2. Você sofreu alguma mudança física e/ou psíquica? Sentiu algum sintoma?
Quais? _____

_____.

2.3. Essas mudanças e sintomas sentidos modificaram de alguma forma sua prática docente na sala de aula? Se sim, como?

_____.